

## COMISSÃO DO CONSUN APRESENTA SUA PROPOSTA

# O QUE PODE MUDAR NO CONTRATO DOCENTE?

A comissão do Consun encarregada de elaborar novas regras para a contratação docente terminou seus trabalhos e, na sessão extraordinária do Conselho, na quarta-feira, 14/9, iniciou a discussão do novo texto.

Para o professor Marcos Masetto, que presidiu os trabalhos da Comissão, a proposta tem por foco principal o professor como profissional da docência. Dessa maneira ela divide os docentes em três grupos, aqueles que só dão aulas na graduação, aqueles que dão aula e fazem pesquisa na graduação e aqueles que dão aulas e pesquisam no pós. Para os primeiros está reservada uma tabela mais austera, na qual os limites contratuais excedem os que hoje estão vigorando excepcionalmente. Um professor que hoje tem contrato de tempo integral, por exemplo, terá que dar 18 aulas, ao invés das 17 que vem dando desde o início de 2011.

Já o professor que tem pesquisa tem a sua situação "melhorada" em relação ao seu colega, pois poderá fechar o seu contrato com 16 horas atividade. Porém, esta melhora é relativa, uma vez que o tempo que ele dedicará à pesquisa é exíguo (se descontarmos as horas destinadas a outras atividades ele dedicará entre quatro e oito horas à pesquisa). Veja a tabela de hora atividade na página 3).

Outra agravante é que um número pequeno de professores poderá se beneficiar desta perspectiva, uma vez que só doutores têm direito à pesquisa, se passarem por todos os trâmites burocráticos das agências de fomento.

### ASSEMBLEIA

Os professores, reunidos em assembleia na segunda-feira, 12/9, criticaram a proposta e pediram um tempo maior para a discussão de suas premissas. Entre as críticas está a desvinculação entre ensino, pesquisa e extensão, pois mais uma vez as atividades de extensão na Cogae são colocadas à margem do contrato, perdendo-se assim a perspectiva de totalidade que a atividade docente deveria ter. Por outro lado, a proposta separa o projeto acadêmico do contrato de trabalho ao não contemplar devidamente atividades próprias da docência como orientação de TCCs, ou iniciação científica, e separa de maneira mais profunda as horas administrativas da perspectiva acadêmica (veja na página 4 a íntegra da carta que a assembleia encaminhou ao Consun).

O texto que a comissão elaborou informa que a folha deverá aumentar cerca de 7%. Este



FOTOS MARINA D' AQUINO

No Consun extraordinário sobre contrato docente a professora Bia Abramides lê a carta dos professores elaborada pela assembleia da APROPUC



cálculo, segundo o professor Marcos Masetto, pressupõe um potencial incremento das pesquisas pelos docentes capacitados a tal. Porém a proposta não calculou o impacto negativo que uma redução do número de créditos/contrato poderá causar à categoria. Vale dizer que os professores, para terem pesquisa, deverão ter no mínimo TP-30, um docente com 10 ou 20 horas deverá

reivindicar mais horas, que hoje estão com outros colegas, o que, no limite, poderá significar demissão de professores.

Por tudo isto vale o comentário feito por uma professora logo após a assembleia da APROPUC: "O professor que hoje, com sua presença em sala de aula, carrega o piano da universidade, com a nova proposta vai também empurrar o caminhão que carrega o piano."

## ASSEMBLEIA DOS PROFESSORES

# 20/9

TERÇA-FEIRA

17h30 - Sede da APROPUC

PROFESSOR:

**VENHA DISCUTIR O IMPACTO DAS PROPOSTAS  
EM NOSSOS CONTRATOS E NOSSOS DIREITOS!  
SUA PRESENÇA É FUNDAMENTAL!**

## EDITORIAL

## Líbia, sem autodeterminação, não há revolução!

A tomada de Trípoli e o cerco do que restou das milícias de Muamar Kadafi foram saudados como vitória da revolução democrática contra a ditadura sanguinária do déspota líbio. As potências comemoraram, o que era de esperar dos vencedores. Não é compreensível que parte da esquerda também o faça.

O conflito na Líbia se transformou com a intervenção das potências. A sublevação de fevereiro em Benghazi expressou o esgotamento do regime despótico da família Kadafi. A rápida evolução de uma manifestação pacífica contra as arbitrariedades do governo em confronto armado indicou que já não era possível manter a governabilidade baseada em uma camarilha familiar e corrupta. Mas o levante que empolgou o leste não chegou ao oeste, a Trípoli, Sirte etc., trincheiras de onde Kadafi mantinha a unidade nacional pela força.

O regime de 42 anos de existência estava decrépito, mas suficientemente forte para esmagar a sublevação do leste. Se esse tivesse sido o desfecho do confronto, certamente a ditadura de Kadafi não se fortaleceria. É mais provável que enfrentaria novos choques e se decomporia. Esse curso corresponderia às condições econômico-sociais do País, às divisões do povo líbio e às suas decisões. Caberia tão-somente a ele saber até onde estava disposto a arcar com uma guerra civil, com todas as suas consequências. Trata-se da autodeterminação da Nação.

A decisão do Conselho de Segurança da ONU de autorizar a intervenção aérea e marítima das potências modificou o curso dos acontecimentos. Os sublevados que haviam se mostrado incapazes militarmente de enfrentar a reação de Kadafi, se potenciaram com os milhares de bombardeios da OTAN, com ajuda financeira, armas e assessoria. Ninguém mais se importou quantos civis

morreriam sob o imponente fogo da aviação. Não haveria tomada de Trípoli pelo sublevados sem que as Forças Armadas e a guarda pretoriana de Kadafi não tivessem sido liquidadas, tanto em sua capacidade ofensiva quanto defensiva.

Mais uma vez, em nome da proteção de civis, dos direitos humanos e da civilidade, os carneiros do mundo violam a autodeterminação de uma nação e impõe-lhe um curso histórico alheio às suas próprias condições. O imperialismo não constituirá com as forças internas servis que se aliaram com as potências um governo superior ao de Kadafi. Não haverá a democracia burguesa prometida, o progresso econômico, a superação da concentração de riqueza e eliminação da pobreza da maioria. Não se pode desconhecer que a família Kadafi servia em certa medida os interesses da burguesia europeia e norte-americana.

A reunião convocada pela França para formar o novo governo, liberar finanças confiscadas da Líbia e orientar o Conselho Nacional de Transição a desarmar as milícias e estruturar um exército concebido para defender a propriedade privada dos meios de produção mostra o quanto a vitória, em última instância, foi o imperialismo. Não há dúvida de que há contradições no campo dos vencedores, que ainda não liquidaram completamente o regime de Kadafi. Os choques de interesse econômicos, de hegemonia tribal, de oposições de classes permanecem e se potencializam sob outras condições. O imperialismo pretende manter sua força de intervenção na Líbia. Os poços de petróleo estão sendo negociados de acordo com os gastos das potências e sua ascensão política.

Os trabalhadores e a juventude levantam a bandeira de autodeterminação da Líbia. Fora as potências saqueadoras!

**Diretoria da APROPUC**

## Consun começa a discutir texto da Comissão

A sessão extraordinária do Consun foi marcada pelas primeiras colocações dos conselheiros da nova proposta de texto para contrato docente. A maioria dos presentes encaminhou para uma discussão mais aprofundada das resoluções, que envolvesse um número maior de professores.

A professora Bia Abramides, em sua fala, leu a carta dos docentes com as críticas levantadas pela assembleia da categoria e lembrou que a discussão não deve circunscrever-se aos Conselhos Departamentais, mas envolver toda a categoria.

O pró-reitor de Relações Comunitárias, Helio Deliberador, lembrou que o texto pode ser danoso à atividade de ensino, principalmente ao desvincular o plano acadêmico do contrato docente. Já o professor José Eduardo Martinez, diretor da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde, lembrou a ausência da residência médica nas horas-atividade. Na mesma linha a professora Marina Feldmann, pró-reitora de graduação, assinalou a ausência das orientações de TCCs na graduação. Esse aspecto foi também questionado pelo professor Ely Dirani, da Matemática, e ressaltou a indefinição do texto no tocante às pesquisas na graduação.

Algumas faculdades já realizaram consultas, como a Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, relatada pelo professor Luiz Augusto de Paula Souza, Tuto, que informou sobre a aprovação da maioria dos docentes da unidade à proposta. Para Tuto, a APROPUC deveria apresentar proposições ao texto. Na pers-

pectiva da aprovação do texto também falou a professora Margarida Limena, da Faculdade de Ciências Sociais, que, por outro lado, mostrou preocupação de alguns docentes de sua unidade com a tabela para a docência que, em certos casos, apresenta mais tempo para a aula do que para outras atividades.

A falta de uma ligação maior entre ensino, pesquisa e extensão foi lembrada pelo padre Valeriano, da Faculdade de Teologia, enquanto que a professora Neide Nofis, da Faculdade de Educação, mostrou preocupação com os docentes que precisam dar mais aulas para alcançar o patamar de 30 horas para ter pesquisa. Por fim o funcionário Reynaldo Machado sugeriu uma quantificação das atividades docentes que possam ser agregadas às horas-atividade.

Quanto à ausência de outras atividades que pudessem compor o contrato docente como residência médica, TCCs ou iniciação científica, os membros da Comissão explicitaram que o critério utilizado foi o recurso às matrizes curriculares de cada curso.

Após a sessão foi fixado um cronograma que prevê a discussão nas unidades até o dia 23/9, para que em seguida as sugestões regressem à Comissão que deverá apresentar seu relatório final numa sessão extraordinária no dia 5/10. Dessa maneira é fundamental que os docentes participem das discussões em suas unidades para que prevaleça um texto que contemple as reais necessidades dos professores.

**PUCViva** Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Caio Rubens Zinet, Marina D'Aquino e Ana Carolina Andrade

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Priscilla Cornalbas e Victoria C. Weischtordt

**Apropuc:** Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

**Afapuc:** João Ramalho 182, 7º andar - Fone: 3670-3391.

**PUCViva:** 3670-3391 - **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - **PUCViva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

# Carta aberta ao Consun

A Assembleia da APROPUC, realizada no dia 12 de setembro de 2011, decidiu enviar carta a este Conselho, relatando a análise dos professores sobre a proposta apresentada pela comissão do Consun sobre as Normas de Contratação de Professores da PUC-SP.

Em primeiro lugar, entendemos que o calendário apresentado para discussão de uma proposta que altere as relações de trabalho nesta Universidade é muito exíguo. A expectativa dos professores é que qualquer proposta sobre Contratos de Trabalho seja ampla e democraticamente discutida, partindo dos departamentos e incluindo a APROPUC, já que tal proposta envolve aspectos tanto do âmbito acadêmico quanto trabalhista.

A proposta em tela desconsidera as atividades de Extensão na composição das horas-atividade dos professores, que deveriam ser contempladas dentro do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, reafirmado tanto no Estatuto como no Regimento da PUC-SP. Entendemos que a exclusão da Extensão na composição do contrato de trabalho é danosa aos docentes. Ainda privilegia a pesquisa, à qual poucos professores têm acesso na Universidade devido à falta de canais democráticos de incentivo.

Outro ponto discutível é desconsiderar horas administrativas e horas acadêmico-administrativas, bem como outras horas necessárias para planos acadêmicos na composição das horas contratuais. O contrato de trabalho dos professores deve prever todas as horas necessárias para a consecução do trabalho nas esferas em que os docentes atuam.

A proposta ora em análise não promove o trânsito entre a Graduação e a Pós-Graduação, já que lhes atribui tratamentos diferenciados. Especificamente a pesquisa e orientações só são consideradas na Pós-Graduação, desprezando a orientação de monografias e trabalhos de conclusão de curso, bem como núcleos de pesquisa em nível de Graduação.

Os requisitos para o contrato de dedicação exclusiva, bem como o "plus" salarial decorrente, devem ter regras claras e discutidas coletivamente e ter uma política universal, em vez de serem tratados em cada unidade.

A Assembleia entende que a proposta pode levar a uma precarização do trabalho docente ainda mais profunda, uma vez que amplia a maximização para os professores enquadrados em um contrato com atividades de ensino, por meio de fracionamento dos contratos, gerando redução em seus vencimentos e uma sobrecarga ainda maior das atividades acadêmicas.

A proposta ora apresentada nega o princípio estabelecido de contrato por tempo afirmado pela comissão, uma vez que, em seu desdobramento, apresenta uma tabela de contrato por hora.

Por fim, a proposta apresentada fere o princípio de universalidade e de isonomia salarial defendido pelos professores, na medida em que atribui contratos diferentes dentro de um mesmo campo de horas-atividade.

Reiteramos o que já analisamos em situações anteriores, que a proposta dá continuidade ao modelo de precarização do trabalho e do ensino instaurado em nossa Universidade.

Novamente, afirmamos que uma verdadeira mudança em nossas condições de trabalho deverá passar por uma discussão que, em primeiro lugar, privilegie a atividade docente, respeitando as diretrizes de ensino, pesquisa e extensão que sempre nortearam nossa luta cotidiana; possibilite o pleno exercício de nossa docência em condições dignas, sem que a sobrecarga de trabalho atente contra a qualidade de nossas aulas, nossas pesquisas e atividades extensionistas e, por fim, que a democracia universitária prevaleça.

*Assembleia Geral da APROPUC*  
12.09.11

CONTRATO COM ATIVIDADES DE ENSINO		
Hora-Atividade	Contrato	% contrato em hora-atividade
6	10	60
7	12	60
8	13	60
9	15	60
10	18	55
11	20	55
12	22	55
13	26	50
14	28	50
15	30	50
16	32	50
17	38	45
18	40	45

CONTRATO COM ATIVIDADES DE ENSINO E PESQUISA NA GRADUAÇÃO		
Hora-Atividade	Contrato	% contrato em hora-atividade
13	30	43,3
14	30	46,7
15	40	37,5
16	40	40,0

CONTRATO COM ATIVIDADES DE ENSINO E PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO		
Hora-Atividade	Contrato	% contrato em hora-atividade
13	30	43,3
14	30	46,7
15	40	37,5
16	40	40,0

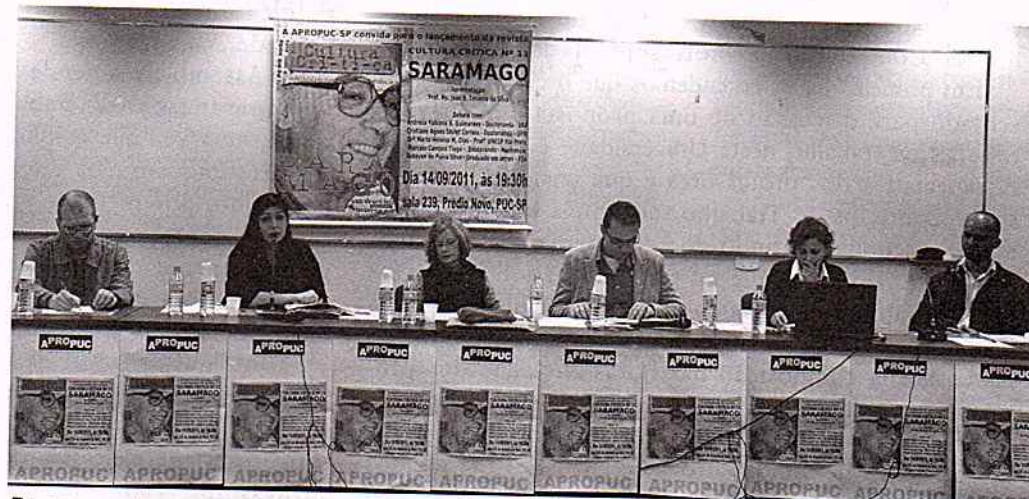
# Debate lança revista Cultura Crítica sobre Saramago

A revista Cultura Crítica nº 11, que homenageia o escritor português José Saramago, foi lançada no último dia 14/9, no auditório 239, com um debate que reuniu algumas das pessoas que colaboraram com artigos para esta edição.

O professor João Batista Teixeira, diretor da APROPUC e editor geral desta edição da revista, abriu os debates comentando a importância da obra de Saramago para a história da literatura. "A carreira de Saramago sempre foi acompanhada de diversas polêmicas. Sua opinião sobre religião e a luta internacional contra o terrorismo sempre foram muito discutidas", afirmou.

Teixeira lembrou também do conteúdo crítico da obra de Saramago, que não se furtou em apontar as contradições de nossa sociedade. "Suas críticas evidenciam a natureza combativa do autor, e foram combustíveis para acaloradas discussões", completou.

A professora Maria Eloísa Dias, da Unesp de Rio Preto, autora do artigo "Uma fenda insolúvel", afirmou que é notável na



Da esquerda para a direita: Marcelo Campos Tiago, Cristiane Agnes, Maria Eloísa Dias, João Batista Teixeira, Andressa Fabiana Guimarães e Roksyan de Paiva Silva

obra do escritor um teor crítico sobre a sociedade: "na ficção de Saramago abrem-se questionamentos infundáveis, devido à visão desestabilizadora usada pela autor em seus textos".

Em seguida, a doutora pela USP, Andressa Fabiana Guimarães, abordou a famosa obra do autor português, *Ensaio sobre a cegueira*. Para ela, essa obra é uma ruptura na história de Saramago. "É como se antes ele descrevesse uma estátua, relatando o nariz, os braços, os traços da estátua. A partir dessa obra ele passa a descrever do que é feito a estátua, mostrando o ma-

terial do qual ele é feito", afirmou.

Fabiana disse ainda que Saramago choca em suas obras por mostrar opressões cotidianas. "Estamos acostumados a viver em um mundo violento e opressor, mas isso choca quando é descrito dentro de uma obra literária", disse.

A professora Cristiane Agnes Stolet Correia, afirmou que a obra de Saramago é baseada sempre na razão. Para ela, o autor português chama a atenção da sociedade para a "necessidade urgente de combater a cegueira social, olhando de maneira racional para a

nossa sociedade, enxergando as contradições que estão postas nela".

## SARAMAGO PROVOCADOR

Para Marcelo Campos Tiago, Saramago procura ler o mundo com um olhar provocador sobre as relações sociais. "Saramago foi capaz de usar as próprias palavras como forma de se rebelar", afirmou. Para ele, o escritor nos ensina que "as palavras não existem sozinhas, não constituem sozinhas um texto. Elas constroem o texto num exercício de alteridade, de encontro com outras palavras", completou.

O último palestrante a falar sobre seu artigo foi Roksyan de Paiva Silva, graduado em letras pela Fundação Santo André. Em sua exposição, Silva pontuou que Saramago "tira a máscara do mundo e nos chama a enfrentar o mundo como ele é, mostrando verdades terríveis que estão escondidas por trás daquilo que é aparentemente bom", concluiu.

## Seminário analisará Diversidade Sexual

Promovido pelo CASS, CACS, APROPUC e Coletivo 28 de Junho, acontece nesta quinta-feira, 22/9, o seminário sobre diversidade sexual, "Por um mundo sem racismo, machismo e homofobia". As atividades serão realizadas na sala 239 do prédio novo. Pela manhã, às

9h, os debatedores serão Dimitri Salles, advogado e ex-coordenador de políticas públicas para a diversidade sexual do Estado de São Paulo; Wanderley Bressan, presidente da ONG Diversitas, de Taboão da Serra; e Claudio Silva, biblioteconomista e militante do movimento LGBTQTT. Já o debate do período no-

turno se inicia às 19h, com Guilherme Almeida, professor da faculdade de Serviço Social da UERJ; Regina Facchini, pesquisadora do núcleo Pagu, de estudos de gênero e professora da pós-graduação em Ciências Sociais da Unicamp; e Rodrigo Cruz, jornalista e militante do Coletivo 28 de Junho.

# Nadir Kfourri

Faleceu na terça-feira, 13/9, aos 97 anos, a professora Nadir Gouvêa Kfourri. Reitora da PUC-SP por dois mandatos consecutivos, de 1976 a 1984, Nadir foi a primeira reitora no Brasil eleita através do voto direto, em 1980, o que levou ao então grão-chanceler da PUC-SP, Dom Paulo Evaristo Arns, a interceder pela sua permanência na reitoria, já que a nomeação era de alçada exclusiva da Igreja.

Professora de Serviço Social, Nadir será particularmente lembrada pela sua participação na defesa da universidade durante a ditadura militar. Em 1977, quando a truculência da polícia provocou a invasão do campus da PUC-SP, estava presente para defender a universidade. Sua presença, com o dedo em riste, junto ao então secretário da segurança pública, Erasmo Dias marcou indelevelmente a memória de todos que naquele momento eram detidos de forma truculenta no estacionamento em frente ao TUCA. Sua última visita à PUC-SP foi em 2002, quando compareceu à biblioteca do campus Monte Alegre, que leva seu nome.

Bia Abramides, presidente da APROPUC e colega de departamento, lembrou no Consun a trajetória da ex-reitora e sua incansável luta na defesa da universidade, em episódios como a invasão de 1977 ou a instalação no campus Monte Alegre da 29ª reunião anual da SBPC, proibida então pelo regime militar de ser realizada nas universidades públicas.

O professor Marcos Masetto, representante da Faculdade de Educação no Consun e vice-reitor administrativo na gestão Nadir Kfourri, lembrou que assumiu o



No dia 22 de setembro de 1977 as tropas da polícia invadem a PUC-SP e a então reitora Nadir Kfourri procura o coronel Erasmo Dias, ao centro, para expressar sua indignação. Na sequência desta foto, o coronel estenderia a mão para cumprimentar a reitora, ao que Nadir respondeu: "Não dou a mão a assassinos"

cargo, convidado pela reitora e prontamente mostrou o seu estranhamento, uma vez que era da área de Educação e tinha pouca intimidade com a administração da universidade, ao que Nadir Kfourri respondeu que era exatamente o perfil de um educador e não simplesmente um administrador que ela queria em sua reitoria.

As professoras Raquel Raichelis e Maria Carmelita Yazbek, do departamento de Serviço Social, enviaram mensagem lembrando a trajetória da professora: "Intelectual combativa, fortemente comprometida com a luta por direitos humanos, assistente social formada em 1938 pela Escola de Serviço Social, primeira do país, a qual dirigiu entre 1953 e 1957, com pós-graduação na National Catholic School of Social Service de Washington, consultora da ONU foi docente em diversos países europeus e latinos americanos e no Brasil.

Deixa para a universidade e para o Serviço Social brasileiro, um enorme legado, expresso, entre múltiplas conquistas, pela construção da primeira Pós-Graduação em Serviço Social no país". Durante a gestão da profes-

sora Nadir Kfourri foi criado o jornal *Porandubas*, um dos mais democráticos veículos da imprensa universitária brasileira. Jorge Claudio Ribeiro, seu primeiro editor, descreve abaixo um pouco do seu convívio com a ex-reitora.

## SUA "MAJESTADE"

Foi muito bom e foi ruim conhecer a professora Nadir Kfourri. Colaborar de perto em suas duas gestões como reitora e tê-la encontrado em minha trajetória fez de mim um ser humano melhor. Isto, por ser "Dia" (seu apelido familiar) quem ela era, no todo, e não só por um aspecto particular. Ter sido editor do *Porandubas* (o "Informativo da Comunidade Universitária da PUC-SP") permitiu-me admirar sua capacidade de diálogo e sua "natural" autoridade (dizer "majestade" seria demais?), pela qual acatávamos suas palavras porque acreditávamos nela. Já aposentada, eu lhe telefo-

nava, para cumprimentá-la pelo aniversário. "Venha me visitar", convidava. Uma vez eu fui: acolheu-me hospitaleira e bem-humorada, encontrei-a atenta ao mundo (estava lendo sobre os manuscritos do Mar Morto) e interessamo-nos mutuamente por nossas vidas.

Foi ruim conhecê-la porque, desde então, fiquei muito mal acostumado e tive dificuldade em obedecer a quem me chefiou. Mas, sobretudo, porque a saudade dela não vai passar: pensando bem, nem precisa. Beijis.

*Prof. Jorge Claudio Ribeiro*  
Departamento Ciência da Religião

## FALA COMUNIDADE

# Em memória de Nadir Kfourri: em memória da PUC democrática e combativa

A comunidade puqui-ana perdeu, na noite do dia 13 de setembro, uma das principais figuras do passado de luta pela democracia na PUC-SP e no país. Faleceu a professora Nadir Kfourri, reitora da PUC-SP por duas gestões, entre 1976 e 1984. Nadir foi a primeira a ser eleita democraticamente em uma universidade brasileira, e durante a intensa repressão do período da ditadura militar.

Sua atuação foi única e exemplo a ser seguido. Enquanto reitora sediava e abrigava, com o apoio de Dom Paulo Evaristo Arns e à revelia dos generais, eventos e professores considerados subversivos pelos militares, e importantíssimos para a construção de um pensamento crítico no Brasil.

Na primeira invasão do campus Monte Alegre pela Polícia Militar, em

setembro de 1977, Nadir foi pessoalmente aos portões da universidade discutir com o Coronel Erasmo Dias, então secretário de segurança pública do estado de São Paulo, contra esse atentado à universidade. Ao final da conversa, Erasmo Dias estendeu a mão para cumprimentá-la, mas Nadir virou as costas enquanto dizia: "Não dou a mão a assassinos".

Após 30 anos, seu gesto de afronta à repressão do Estado foi esquecido pela PUC-SP. A própria administração da Pontifícia realizou o contrário: foram eles mesmos quem chamaram a Polícia Militar para, pela segunda vez, invadir a universidade. Frente a uma ocupação de reitoria que exigia a qualidade de ensino que a PUC-SP tinha na época de Nadir, a então reitora Maura Vêras jogou na lata do lixo todo o his-

tórico democrático que a PUC conquistou em sua luta em tempos autoritários e, numa completa inversão de papéis, aplicou métodos de ditadura em tempos democráticos.

Mas, hoje, não sejamos ingênuos: a atual gestão, do reitor Dirceu de Mello com a Fundação São Paulo, quer mostrar que resgatou esse histórico democrático. Na verdade, resgataram-no para torná-lo pura e simples mercadoria, enquanto a PUC-SP é vendida com o selo "lutamos contra a ditadura", como muitos outros que fazem o mesmo nos atuais dias de pretensa democracia no Brasil. Ela só não conta que isso ficou mesmo no passado, enterrado e soterrado por aqueles a quem reuníamos debaixo do rótulo do "Império do Laquê". E que hoje, apesar de uma reitoria "com portas abertas", conta com o Conselho Superior de Administração

(Consad), que contraria toda e qualquer estrutura participativa que a PUC-SP conquistou.

Nadir Kfourri morreu com 97 anos. Era solteira e não teve filhos, mas deixou milhares de órfãos. Sentirão sua falta todos aqueles que lutaram e ainda lutam, como ela, por uma PUC-SP dedicada verdadeiramente à comunidade e mais humana. São esses que, por almejarem uma universidade verdadeiramente social, também estão conosco na luta pelo fim das desigualdades, por uma sociedade justa e livre também na prática.

Nadir nos deixou, mas sua luta continua. Não deixaremos que, assim como sua memória, as lutas pela educação e pela democracia se acabem e sejam mercantilizadas.

**Centro Acadêmico Benedito Paixão. Gestão Desassossego**

## Rede de Proteção iniciará campanha de doações

Continuando as mobilizações, a Rede de Proteção aos Lutadores em Defesa dos Direitos Humanos, se reuniu mais uma vez, na terça-feira, 13/9, na sede da APROPUC. Com o fortalecimento da rede, as denúncias de perseguição e ameaças de morte a militantes não param de crescer. Segundo os representantes das entidades presentes, as razões dessas

perseguições terem aumentado são em função, principalmente, das obras do PAC e às mudanças no país para receber a próxima Copa do Mundo e Olímpíada.

Além dos temas debatidos nas outras reuniões, como um manifesto de intelectuais que já está sendo articulado, um chamado aos Centros Acadêmicos e coletivos da PUC-SP

foi realizado, para que participem das reuniões da rede.

Devido ao aumento do número de denúncias, e a necessidade de ajudar os militantes não apenas na denúncia e mobilização, a Rede iniciará uma campanha de doações que vão desde utensílios domésticos, como panelas e colchões - já que muitos militantes tiveram que abando-

nar suas residências pelas perseguições - até doações financeiras. Todos aqueles que puderem contribuir deverão entrar em contato com a APROPUC pelo telefone (11) 3872-2685 para saber como proceder.

A próxima reunião da Rede de Proteção será na quarta-feira, 21/9, às 17h, na sede da APROPUC. Novamente, todos estão convidados.

## FALA COMUNIDADE

## O rei está nu

Marina Costin Fuser

7 de setembro de 2011: O desfile militar que celebra os dragões da independência sofreu abalos sísmicos, com os ecos das batidas dos tambores há poucos blocos de distância. Paralelamente ao desfile de brasões e paetês, uma manifestação com cerca de 40 mil pessoas invadiram as ruas da Esplanada dos Ministérios para se manifestar contra a corrupção. Enquanto o legislativo e o executivo disputam os malabares para saber de quem é a bola da vez, o destaque foi para a deputada Jacqueline Roriz (PMN-DF), absolvida da destituição de seu cargo em uma votação secreta em Plenário na Câmara dos Deputados após ter sido flagrada recebendo propina do ex-secretário de Relações Institucionais do DF, Durval Barbosa, no Mensalão dos Democratas.

A partir das redes sociais, a sociedade civil conseguiu agregar a gregos e a troianos em torno de um objetivo comum: reivindicar uma faxina para limpar a sujeira que polui as instituições estatais. Com criatividade, jovens manifestantes trocaram bandeiras com siglas partidárias por esfregões, para simular uma verdadeira faxina. A ausência de siglas e bandeiras foi um pré-requisito: no momento em que alguns manifestantes ensaiaram levantar suas bandeiras, a população civil pôs-se a vaiar. Abaixadas as bandeiras, a marcha retomou seu curso. De acordo com Luciana Kalil, uma das precursoras do even-

to, o intuito do protesto era explorar a indignação da sociedade civil sem distinções ou fragmentações, colocando em xeque a postura da esquerda tradicional, de hastear suas bandeiras e siglas, afastando o cidadão comum, que desconfia de tantas palavras de ordem carregadas de significado ambíguo, que nem sempre condizem com a prática da política *in loco*.

A sociedade civil dá sinais de desconfiança quanto às práticas tradicionais de manifestação, mas

angulares das lentes para novos cenários e protagonismos no cinema, misturou acordes e tendências para levar a música popular brasileira ao ápice de seu radicalismo. São muitos os paladinos das novas formas de se ver e de se apreender o mundo. A apatia da nossa geração não pode nos coibir da ação, e ao agir, nós não podemos nos acomodar na repetição daquilo que já não conversa com os paradigmas do nosso tempo. É hora de renovar. Se quisermos mudar o mundo,

bilidade para enxergar aquilo que todo mundo vê. Quem estava nu era um estudante comum, que também se preocupa com as mensalidades exorbitantes, que também teme pelo fechamento dos cursos não rentáveis, e como muitos, quer fazer da PUC-SP um ambiente mais acessível e favorável à excelência acadêmica e à diversidade. O que afasta os estudantes das reuniões é a falta de espaço para estudantes que não estão engajados em partidos ou correntes políticas. Novas ideias são descartadas com hostilidade, críticas são interpretadas como ataques, não há concessão para quem se atreve a pensar diferente. No terreno no consenso, o solo não está fértil para germinar novas manifestações que não sejam reprises do mesmo filme, com uma audiência cada vez mais escassa. Também não vale deslegitimar o espaço da contestação e jogar pedras em quem sempre construiu o movimento. A questão é ampliar, diversificar, dar voz ao coro dissonante. No lugar das bandeiras, criatividade. No lugar das velhas palavras de ordem, poesia. Acrescentar. Se quisermos mudar os rumos da universidade, precisamos abdicar dos palanques para dar voz à diversidade, entender que para estar em movimento basta sair do lugar. Transcender. Antes tarde do que nunca.

Marina Costin Fuser é estudante da pós-graduação. O artigo acima foi publicado originalmente no Jornal Correio Brasileiro (08/09/2011)

*A partir das redes sociais, a sociedade civil conseguiu agregar gregos e troianos em torno de um objetivo comum: reivindicar uma faxina para limpar a sujeira que polui as instituições estatais. Com criatividade, jovens manifestantes trocaram bandeiras com siglas partidárias por esfregões, para simular uma verdadeira faxina*

por outro lado, procura dar saídas alternativas ao que vem de cima. O momento urge por novas formas de contestação, mais criatividade e menos repetição daquilo que já foi dito nos megafones das gerações anteriores. A esquerda anti-sistêmica brasileira já apresentou alternativas que revolucionaram cabeças e corações, deixando um legado que desmanchou os versos e abalou as estruturas da poesia, estilhaçou toda a medida da arte presa à moldura e ao museu, trouxe novas ideias na cabeça, deslocando as

precisamos começar por nós mesmos, e lançar um olhar mais sensível sobre aquilo que nos cerca.

Se aproximarmos as lentes do universo puquiano, podemos constatar o considerável apartheid entre o pretense movimento estudantil e a realidade da maioria dos estudantes. Cada vez mais apegado a siglas, o diálogo se perde entre conversas de surdos. Na última reunião do conselho dos centros acadêmicos, um estudante ficou pelado para afirmar que o rei está nu e o movimento estudantil não tem sensi-

## GAUCHE NA VIDA

# Fábrica ocupada dá emprego, cultura, diversão, arte e... Revolução

*Débora Cristina Goulart e  
Lilian Marta Grisolio Mendes*

Nos dias 19 e 20/8, no município de Sumaré, interior de São Paulo, ocorreu o Simpósio Trabalhadores e Produção Social no espaço da fábrica Flaskô. O simpósio realizado em uma fábrica em funcionamento revela a relevância do evento: ocorre num local de luta e resistência dos trabalhadores e palco de importantes acontecimentos nos últimos anos

Para quem chega ao local, uma faixa na entrada anuncia que se trata de uma fábrica ocupada sob o controle operário. Daí para dentro, tudo lembra esta façanha que começou em 2002 com o Movimento das Fábricas Ocupadas e a ocupação de duas fábricas, em Joinville - SC, a Cipla e Interfibra, e em seguida, a Flaskô em Sumaré-SP.

O caso da Flaskô deve ser ressaltado em primeiro lugar por que os operários resistem bravamente há oito anos. Além disso, inúmeras conquistas fazem dessa experiência uma referência na luta dos trabalhadores. Apesar do fechamento, os operários retomaram e ampliaram a produção, reformaram as estruturas e fizeram o concerto do maquinário desativado, reduziram a jornada de trabalho para 30 horas, com turnos de 6 horas, manutenção de três turnos e sem redução de salário, eliminaram os acidentes de trabalho na produção, aumentaram o faturamento de quarenta e três mil reais para quase um milhão.

Infelizmente, em 2007, a Cipla e a Interfibra sofreram uma intervenção federal. A justificativa foram as dívidas deixada pelos proprietários em impostos e INSS, jogadas nas mãos dos trabalhadores. Com essa situação, encerrou-se depois de cinco anos a autoges-

tão operária. A Polícia Federal expulsou os operários e no mesmo dia a justiça elegeu Rainoldo Uessler como interventor.

Na Flaskô a situação é diferente. Também em 2007 houve uma tentativa de intervenção. Mas com numa demonstração de força exemplar, os trabalhadores resistiram e permanecem na luta até hoje. A fábrica ainda aparece como propriedade de Luiz e Anselmo Batschauer, no entanto, os trabalhadores para não serem responsabilizados pelas dívidas dos proprietários reivindicam na justiça a chamada "Declaração de interesse social para fins de desapropriação". Isso inclui a área ocupada ao redor da fábrica onde se construiu uma Vila Operária e um galpão, antes desocupado, onde agora funciona a Fábrica de Esporte e Cultura. Neste espaço acontecem aulas de judô, ballet, ginástica feminina, tênis de mesa, teatro, capoeira, taekwon-do e jogos de tabuleiro. Semanalmente, em dois horários, há sessões de cinema e todas as atividades são abertas a quaisquer interessados.

Os trabalhadores que ocupam a fábrica já tiveram inúmeras máquinas retiradas pelos antigos patrões, sendo que das 68 máquinas, sobraram apenas cinco. Mesmo assim, continuam produtivos e construindo novas relações de trabalho e direção. As instâncias de decisão da fábrica passam a ser a assembleia, as reuniões por turno de trabalho e a comissão de fábrica por sessão, que elegem um conselho da fábrica responsável pela implementação das decisões tomadas.

Ao longo destes anos, os 69 trabalhadores da Flaskô conseguiram apoio nacional e internacional, em sua luta pela estatização sob controle operário das fábricas ocupadas e têm mobilizado inúmeros sujeitos neste caminho. A Rádio Luta já opera 24 horas e, em agos-



Foto do I Simpósio da Flaskô realizado em agosto de 2011

to deste ano, realizou o II Festival Cultural da Flaskô, com ênfase nas apresentações musicais e teatrais. Se não fosse enorme o número de atividades, ainda há uma preocupação com a produção teórica e sua difusão, o que levou a criação do CEMOP - Centro de Memória Operária e Popular, que desde 2007 funciona nas dependências da Flaskô com o intuito de organizar o arquivo e garantir a segurança dos documentos do Movimento das Fábricas Ocupadas e colocá-lo à disposição para pesquisa. Desta empreitada, já surgiram um livro sobre a experiência da Flaskô e a Revista do CEMOP que reúne artigos em uma publicação semestral.

E foi com a preocupação de reunir teoria e prática, que o I Simpósio reuniu 140 inscritos, de 12 estados brasileiros (e mais de 30 universidades envolvidas) que durante dois dias refletiram juntos sobre a condição da classe trabalhadora e suas lutas. Além disso, os professores Andréia Galvão (Unicamp), Maria Orlanda Pinassi (Unesp), Jair Pinheiro (Unesp), Marcelo Badaró Mattos (UFF), Cristina Paniago (UFAL) e Andrés Ruggeri (UBA - Argentina), participaram de debates sobre o movimento operário e a questão da autogestão.

O que vimos na Flaskô foi mais um exemplo extraordinário de luta

e vida do movimento operário contra o grande capital. São trabalhadores e trabalhadoras ensinando e aprendendo, vivendo a experiência de ocupar, produzir e resistir, apesar da criminalização, apesar das ameaças, a luta pela garantia da existência se mantém. No ano de 140 anos da Comuna de Paris, a Flaskô é um exemplo que merece ser conhecido. Para quem quiser conhecer, comprar os livros ou revistas do CEMOP entre nos sites: [www.memoriaoperaria.org.br](http://www.memoriaoperaria.org.br) ou [fabricasocupadas.org.br/site](http://fabricasocupadas.org.br/site).

*Débora Cristina Goulart é Doutora em Ciências Sociais pela UNESP e Pesquisadora do NEILS. Lilian Marta Grisolio Mendes é Doutora em História pela PUC-SP e Pesquisadora do POLITHICULT.*

**Nesta sessão, apresentamos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições (no máximo 5.000 caracteres com espaços), mande ver.**



## MOVIMENTOS SOCIAIS

# Comissão da Verdade será debatida na USP

Debatido em todo o país durante muitos anos, e exigência daqueles que sofreram com a repressão da ditadura militar brasileira, o projeto de lei que cria a Comissão da Verdade será votado em breve na Câmara dos Deputados.

Para debater todas as questões que o envolvem, começa na segunda-feira, 19/9, uma série de debates, na FFLCH-USP, intitulado "Quanta verdade o Brasil suporta? - debatendo a Comissão da Verdade". As atividades se iniciam na segunda-feira, às 16h, com

Vladimir Safatle, professor de filosofia da USP; Marcelo Ridenti, professor de sociologia da Unicamp; e Douglas Barros, professor de filosofia da PUCamp, debatendo: Ditadura militar ou ditadura civil?. No mesmo dia, os debates seguem às 19h com a deputada federal Luiza Erundina e o professor de Filosofia da USP, Paulo Arantes, tratando do tema "O passado do atual Estado Democrático de Direito".

Já na terça-feira, 20/9, às 16h, o tema será "Comissão da Verdade ou Co-

missão de conciliação?", com Edson Teles, professor de filosofia da Unifesp; Maria Rita Khel, psicanalista; e Eugênia Fávero, procuradora da República. As atividades se encerram, às 19h30, com Deisy Ventura, professora de relações Internacionais da USP, e Flavia Piovesan, professora de direito da PUC-SP, discutindo "O Brasil como pária do Direito Internacional". O local dos debates e a programação completa podem ser conferidos no site [www.ffiich.usp.br](http://www.ffiich.usp.br).

## Estudantes protestam na USP durante visita de Haddad

Cerca de 600 estudantes realizaram um ato durante a ida do ministro da Educação, Fernando Haddad (PT), à USP. As organizações que estão articulando a campanha para que 10% do Produto Interno Bruto (PIB) sejam destinados à educação pública aproveitaram a presença do ministro para fazer suas reivindicações.

Durante o debate, manifestantes afirmaram que o governo Lula destinou apenas 5,3% do PIB para educação pública, índice muito próximo à média investida no setor durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

Além disso, os estudantes apontaram que a prioridade do governo federal é investir dinheiro público para organizações de educação privada, através de iniciativas como o ProUni e FIES. Atrelado a isso, estudantes afirmaram que há uma política de sucateamento do ensino público.

A iniciativa faz parte de uma campanha nacional, organizada por diversas entidades, que visam influenciar o debate em torno do Plano Nacional de Educação (PNE), que deve ser aprovado até o final do ano, e determina todas as metas educacionais do país para os próximos 10 anos.

A campanha está sendo pensada desde o início do ano, e deve culminar com a realização de um plebiscito popular sobre o tema. Durante o fechamento desta edição aconteceu a primeira reunião do comitê do Estado de São Paulo da campanha.

## Sintrajud promove seminário

### "O Poder Judiciário e a Democracia no Brasil"

Neste sábado, 24/9, a partir das 9h, acontecerá o seminário "O Poder Judiciário e a Democracia no Brasil", para debater a reestruturação do Estado e as consequências na vida dos trabalhadores. O seminário está sendo organizado pelo Coletivo de Formação e Luta contra as opressões do Sintrajud, e

acontece no auditório da sede da entidade - Rua Antonio de Godoy, nº 88, 15º andar, Centro.

O seminário ocorre no período da manhã e da tarde. Pela manhã serão debatidos os temas "A natureza do direito na sociedade capitalista" e "Direito e luta de classes no Brasil". Pela tarde estará em pauta "O

projeto de reforma do judiciário - considerações sobre o documento técnico 319 do Banco Mundial" e "Os trabalhadores do Poder Judiciário frente à reforma do judiciário brasileiro".

Para participar é preciso se inscrever até o dia 22/9, na Secretaria do Sintrajud, ou pelo telefone (11) 3222-5833 ramais: 218 ou 222.

## Em São Paulo um ato em apoio à criação do Estado da Palestina

Nessa semana os palestinos irão à Organização das Nações Unidas (ONU) para tentar obter aquilo pelo que lutam desde a criação do Estado de Israel, pela própria ONU em 1967: a legitimação do Estado da Palestina. Segundo

a agência de notícia AFP, "no dia 23/9, o presidente da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas, apresentará o pedido de adesão ao secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, a não ser que surja uma alternativa de negociações 'confiáveis'".

No Brasil, para dar apoio a essa ação, na terça-feira, 20/9, ocorrerá o ato pelo Estado da Palestina, por justiça paz e liberdade. Será realizada uma caminhada com concentração às 17h, na Praça Ramos, em frente ao Teatro Municipal.

# ROLA NA RAMPA

## Estudantes debatem 10% do PIB para educação pública



MARINA D'AGUIÑO

Mesa de debates no Pátio da Cruz

O Conselho de Centros Acadêmicos (CCA) organizou no último dia 13/9, no Pátio da Cruz, um debate sobre a importância de destinar 10% do Produto Interno Bruto (PIB) para à educação pública. Estiveram presentes o professor da USP Chico Miraglia, representando o ANDES-SN, Rebecca Freitas, do DCE da UFPR, e Ingrid, da Fundação Santo André.

Chico Miraglia lembrou que o PIB é o resultado da produção do trabalho de todos os brasileiros, e que grande parte desse recurso tem que voltar para os trabalhadores em forma de educação pública. "O Brasil gasta quase 45% do PIB com os juros e serviços da dívida pública, e destina

menos de 5% para a educação", afirmou.

Rebecca Freitas defendeu que o movimento que pede 10% do PIB para a educação pública também tem um projeto bem delineado de como utilizar esses recursos. "O investimento tem que ser acompanhado por autonomia universitária. Não adianta nada ter 10% do PIB para projetos como o Reuni", argumentou a estudante.

Já a estudante da Fundação Santo André, Ingrid, criticou o governo federal. Para ela, "o governo Lula, sucedido pelo governo Dilma, distorceram reivindicações históricas do movimento para dar lucro à educação privada, com políticas como ProUni, FIES e Reuni", disse.

## PUC-SP fecha as portas

Durante o fechamento desta edição do *PUCviva*, o reitor Dirceu de Mello lançou um ato anunciando a suspensão de todas as "atividades administrativas e acadêmicas" do campus Monte Alegre, no dia 15/9, devido a realização do "1º Festival da Cultura Canábica". O evento foi organizado por estudantes, e amplamente divulgado pelas redes sociais e contando com cerca de 6 mil confirmações. Parte da comunidade demonstrou preocupação com a ausência de diálogo da reitoria, não procurando a comunidade para debater a questão. E essa não foi a 1ª

vez que uma atitude como essa foi tomada. Assim, se mantém atual uma frase Nadir Kfourri: "Numa universidade o que deve prevalecer é o aspecto educacional, mesmo quando a juventude conteste, como acontece em todo o mundo, enfrentando determinadas normas estabelecidas, ao educador compete atuar de forma pedagógica e parece que só desta forma relmente podemos contribuir para o crescimento e para afirmação de nossa juventude e não é pela repressão que vai se alcançar estes objetivos." Na próxima edição trataremos maiores informações sobre o caso.

## Consad altera decisão do Consun sobre vagas no vestibular

O texto aprovado pelo Conselho Universitário (Consun) e pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) sobre o número de vagas a ser aberto para o próximo vestibular de verão foi alterado durante a reunião do Conselho de Administração (Consad), realizada no dia 14/9. Os secretários-executivos da Fundação São Paulo, João Júlio Farias e Rodolpho Perazzolo, votaram para que o número mínimo para abertura de turmas fosse alterado de 15 (em caso de turmas de um turno) e 25 (em caso de turmas de dois turnos), para o mínimo de 20 e 30 alunos para a abertura de turmas. O reitor Dirceu de

Mello votou pela manutenção da proposta do Consun e do Cepe, mas foi voto vencido. Para os conselheiros da Fundação, o número mínimo de alunos para a abertura de uma sala é um tema financeiro, e não acadêmico. Eles entendem que apenas o número máximo de estudantes por sala de aula é tema acadêmico. Os conselheiros, no entanto, não alteraram o número de vagas oferecidas por cada curso. No final da reunião o Padre Rodolpho propôs que o Consad escreva uma moção parabenizando a APROPUC pelo aniversário de 35 anos da entidade. Todos os conselheiros aprovaram a iniciativa.

## Conferência com Michael Löwy

Acontece nesta segunda-feira, 19/9, às 19h, no auditório Prof. Paulo de Barros Carvalho, sala 239, prédio novo, uma conferência com o professor Dr. Michael Löwy. Nascido no Brasil e formado em Ciências Sociais na USP, o sociólogo vive em Paris desde 1969. O tema da atividade é o livro de Michael Löwy, "Fotografias da Revolução",

que reúne os principais registros fotográficos dos processos revolucionários do final do século XIX até a segunda metade do século XX, como, por exemplo, as fotografias da Comuna de Paris, e clássicas, como as de Lênin e Trotski na Rússia. A atividade é promovida pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social.

## EHPS 40 anos

Dando sequência à comemoração dos 40 anos do Programa Educação: História, Política, Sociedade, a comunidade universitária da PUC-SP é convidada a assistir à mesa redonda: "Os Programas de Pós-Graduação e a pesquisa em Educação", que contará com a participação do presidente da

Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), Wenceslau Gonçalves Neto e da presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Educação (ANPED), Dalila Andrade Oliveira. O evento ocorrerá no dia 20/9, às 14h, no auditório 239 - 2º andar, campus Monte Alegre.